

3 TRADUÇÕES SUBVERSIVAS

Nesta breve seção procuro esclarecer o uso que faço do termo “subversivo” para caracterizar as diferentes práticas de reescrita estudadas nos três capítulos que se seguem. A idéia me surgiu inicialmente a partir da leitura de um artigo de Silene Moreno e Paulo Oliveira (2000) intitulado “Da servilidade da tradução subversiva: servir a quem, por quê”. Os objetos estudados nesse artigo não são necessariamente os mesmos estudados aqui, mas julguei conveniente adotar a mesma expressão por eles proposta, “tradução subversiva”, por entender que de alguma forma as três práticas tradutórias investigadas se propõem a subverter um ou mais dos seguintes elementos que envolvem uma tradução: o texto original, a língua de chegada, as estratégias de escrita e de tradução dominantes, o papel do tradutor etc. É comum às três práticas estudadas a defesa de uma agenda política, à qual a tradução serve como instrumento de luta.

O viés político dessas práticas também é um dos fatores que me leva a adotar a expressão já citada porque:

a noção de “subversão” tem seu uso mais evidente no domínio político. De modo geral, a qualidade de “subversivo” é atribuída a outrem por aqueles que detêm o poder. “Subversivo” é tudo aquilo que ameaça a ordem constituída, que desafia a instituição. (Ibid., p.132)

De acordo com a explicação acima, a qualidade de subversivo é sempre relativa à ordem estabelecida, ao padrão dominante que o determina como tal. E como mencionei, é contra uma certa ordem estabelecida que se posicionam os tradutores que se identificam com as agendas feminista, pós-colonialista e da tradução minorizante. Suas estratégias desafiam, em cada caso, a ordem instituída na prática ou na teoria da tradução. A saber, o silêncio das mulheres e dos povos colonizados e o apagamento do estrangeiro nas traduções domesticadoras.

Uma outra razão da escolha do termo “subversivo” está relacionada ao fato de que o termo “tradução” por si só, sem ser adjetivado, a meu ver, pode não ser o mais adequado para denominar as práticas de reescrita em questão, já que elas se propõem a executar uma “tradução” ou uma “reescrita”, ou seja, a produzir um

texto de chegada, que seja diferente do que geralmente se concebe como tradução. Esse propósito pode não se aplicar a todas as práticas que investigo e é justamente esta a razão da análise que farei a seguir.